

# **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**

*Patricia Hill Collins*

DOI: 10.3395/reciis.v2i2.221pt

*Neide Mayumi Osada*

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil  
mayumi@ige.unicamp.br

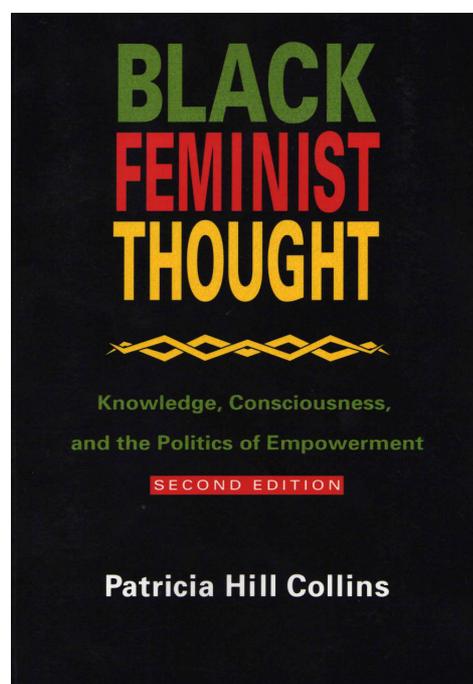
*Maria Conceição da Costa*

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil  
dacosta@ige.unicamp.br

Em *Black Feminist Thought*, Patricia Hill Collins contribui para a consolidação do Pensamento Feminista Negro propondo uma teoria centrada na teoria crítica na qual se privilegia o ponto de vista das mulheres negras. Para desenvolver o argumento e as estratégias da construção do seu marco teórico, Collins busca na vivência e na experiência da mulher negra norte-americana o trama principal da teoria. Trata-se de um trabalho necessário para a construção de uma sociedade plural e polifônica cujas diversas vozes podem e devem ser acomodadas no mundo do conhecimento e das ciências.

O trabalho de Collins articula diversas correntes teóricas como estudos de gênero e etnia, classes sociais, sociologia da ciência, pensamento social marxista, teoria crítica. Ela se inspira na Perspectiva Feminista de Sandra Harding, dos estudos da sociologia da ciência, nos trabalhos de Angela Davis, uma das principais referências dos estudos de gênero e etnia e nas histórias de vida das mulheres negras que Collins coleta ao longo da pesquisa.

O livro de 335 páginas é dividido em três partes. É na primeira parte que ela constrói a base teórica do Pensamento Feminista Negro que inclui com parte da Teoria Social Crítica. De acordo com a autora, a teoria social crítica permite analisar a situação da mulher negra, assim como entender a supressão e a desvalorização do



*Routledge: Nova York, 2000*

ISBN: 978-0-415-90597-8

pensamento feminista negro pelas correntes teóricas dominantes. A teoria social crítica emerge como única possibilidade de se compreender as mulheres como grupo historicamente dominado, oprimido e que sobrevive ainda em condições socioeconômicas desfavoráveis. Para a autora, a teoria permite expor o embate entre o grupo dominante e as mulheres negras, escancarar a opressão sofrida por elas, entender a vivência em guetos nos quais os negros foram “confinados” e analisar a falta de oportunidade vivida pela comunidade negra.

As bases do pensamento feminista negro têm origem nos estudos das diversas vozes femininas que provocaram, indagaram, questionaram e expuseram a condição da mulher negra nos Estados Unidos. Essas mulheres não eram necessariamente provenientes do meio acadêmico/intelectual ou da classe média, como afirma Collins, “elas podem ser altamente educadas, muitas não são” (p. 14). A autora chama a atenção para a importância dessas mulheres que não possuem educação formal, mas que são consideradas por ela como intelectuais e ativistas. São os casos da ativista negra Sojourner Truth que no século XIX lutava a favor do movimento abolicionista feminista, era analfabeta e seus discursos foram relatados por outras mulheres abolicionistas; das cantoras de blues Nina Simone, Aretha Franklin; das escritoras Zora Neale Hurston (*Their eyes were watching God*, 1937) e Alice Walker (*A cor púrpura*, 1983) e de mulheres como Annie Adams e Hannah Nelson, trabalhadoras domésticas.

As mulheres afro-descendentes não podem ser consideradas vítimas passivas da situação em que se encontram, ao mesmo tempo não são completamente conscientes da opressão a que são submetidas. Por essa razão, a proposta de Collins não se limita em criar uma teoria social cujo objetivo seja simplesmente compreender e analisar a situação da mulher negra norte-americana, mas também promover o seu “empoderamento”, na luta por justiça social, porque “elas constituem um grupo oprimido” (p. 22).

A situação das mulheres afrodescendentes, que vivem em condições econômicas precárias, é bastante difícil. A maioria delas foi segregada da educação formal, muitas trabalham como empregadas domésticas em casas de famílias brancas de classe média, muitas foram violentadas pelos seus patrões ou até mesmo pelos maridos. Situações como estupro, gravidez na adolescência e ausência de companheiros que as ajudem nos cuidados dos filhos ocorrem com frequência. É a partir dessa vivência que a autora constrói o que chama de Pensamento Feminista Negro.

Na segunda parte do livro, a autora expõe a essência dos temas no pensamento feminista negro. Os temas analisados são fundamentais porque tratam de questões perniciosas às mulheres negras, que podem levar a um ciclo vicioso da opressão, do controle social por grupos dominantes, das relações devastadoras entre homens e mulheres afro-descendentes, das dificuldades em se autodefinirem como mulheres negras, das questões relacionadas à maternidade e à sobrevivência. Com isso, os temas analisados são: (1) trabalho, família e opressão

às mulheres negras; (2) babás, patriarcado e controle de imagens; (3) o poder da identidade; (4) política sexual; (5) relações afetivas; (6) maternidade e mulheres negras; e (7) repensando o ativismo feminista negro.

As questões discutidas ao longo da parte dois constroem o pensamento feminista negro e, ao mesmo, questionam, deslegitimam e destroem os temas essenciais que levam à subjugação dessas mulheres para que, na terceira parte, esses elementos sejam retomados e rediscutidos dialeticamente para que possam servir de base para a construção de políticas de “empoderamento” da mulher.

O capítulo no qual se discute “trabalho, família e opressão” mostra que a escravidão nos Estados Unidos gerou consequências desastrosas aos afrodescendentes, especialmente às mulheres. A autora analisa o sistema escravocrata e a repercussão que a escravidão terá sobre a vida dessas mulheres até os dias de hoje. Discute como a escravidão “moldou” o gênero feminino de acordo com as necessidades da sociedade vigente: quanto mais filhos as escravas tivessem, mais riqueza elas geravam aos senhores de escravos.

O fim da escravidão colocou outras questões sobre o papel da mulher num contexto de poucas oportunidades econômicas e sociais. O trabalho sempre esteve presente na vida das mulheres negras norte-americanas; já num mundo livre, as duas ocupações possíveis eram os trabalhos no campo e o doméstico. O trabalho no campo era árduo e cansativo e sua força era necessária para a renda familiar. Até mesmo as crianças eram submetidas ao trabalho que pouco se diferia, em termos de esforço, ao trabalho escravo. A segunda ocupação era o trabalho doméstico e já na infância as meninas eram treinadas para a função. Além do preconceito e das relações de semi-escravidão, essas trabalhadoras ainda estavam expostas às condições de violência como estupro, abuso, violência física e moral.

No pós-guerra, a sociedade norte-americana vivenciou profundas mudanças que provocaram o surgimento de novos fenômenos na comunidade negra: o crescimento no número de mães solteiras adolescentes e o aparecimento de mulheres negras de classe média que ascenderam por meio do trabalho. Nesses dois grupos, o trabalho e as relações afetivas são os pontos centrais na vida dessas pessoas, e em ambos os casos, é a solidão que as acompanha durante suas trajetórias de vida.

Outra questão discutida pela autora refere-se ao controle da imagem da mulher negra. Imagens que vão desde a figura da babá, a *mammy*, vista de forma pejorativa, até a figura da jezebel, a mulher negra pervertida sexualmente. Na atualidade, a televisão, o rádio, filmes, músicas e a internet constituem novas formas de controlar a imagem da mulher negra, sempre de forma negativa e preconceituosa.

Outro tema essencial é a questão da autodefinição que, sob o ponto de vista da autora, pode levar a um processo transformador da situação das mulheres negras. O que ela entende como autodefinição vai além da identidade. “Identidade não é o objetivo, mas o ponto de partida

no processo da autodefinição” (p. 114). A autodefinição faz com que as mulheres rejeitem o controle externo da sua própria imagem, cria auto-respeito, independência e o seu próprio “empoderamento”. Infelizmente, muitas mulheres negras, especialmente as jovens, resistem à idéia da autodefinição.

Em política sexual do universo das mulheres negras, a autora discute as várias formas que a sociedade branca conformava a mulher enquanto um exótico negócio. O caso da Vênus de Hottentot no século XIX, Sara Bartmann, mulher negra que era exibida na França e na Inglaterra como objeto de exposição é discutido pela autora como um ícone degradante da sexualidade da mulher negra. Ao longo do capítulo, Collins discute a perniciosa associação do corpo da mulher negra como objeto vendável, sujeito ao estupro, à violência sexual, à exploração, aos maus tratos e de como ela foi silenciada desde a sua chegada aos Estados Unidos, como escrava, até os dias de hoje.

Os dois capítulos seguintes tratam das relações afetivas e do universo da maternidade e dos cuidados dos filhos. O tema das relações afetivas das mulheres negras é crucial para a autora, daí a necessidade de discutir a ausência dos homens negros quanto aos cuidados dos filhos, já que a proporção de homens que não assumem a sua parte nesses cuidados é relativamente alta.

Outro fenômeno analisado pela autora refere-se à solidão das mulheres negras; Collins inicia a seção afirmando que as mulheres negras buscam nos homens negros relações afetivas, no entanto, muitas acabam sozinhas. Segundo a autora, as mulheres negras estão atentas para o fato de que é difícil se relacionar com bons homens negros, por essa razão mães solteiras concentram-se nos cuidados dos filhos, enquanto outras investem na carreira profissional encontrando assim mais dificuldades em encontrar um companheiro negro da mesma classe social e que compartilhem os mesmos valores. Outra questão retratada pela autora refere-se à competição com as mulheres brancas e as preferências dos homens negros pelas mulheres brancas. Para fechar a questão, a autora afirma que o amor começa com questões bastante simples: auto-respeito, amor próprio e ações que proporcionem a autodefinição e o ativismo político. O amor está na liberdade e na justiça social, afirma Collins.

Ao tratar do universo da maternidade e dos cuidados do filho, a autora evoca o ponto de vista da maternidade da mulher negra como fundamental na construção da teoria crítica feminista. Para a formulação da proposta, a autora considera alguns temas essenciais que tornam singular a experiência das mulheres negras no universo da maternidade: escravidão, cotidiano em comunidades rurais no sul do país, estratificação de classe, segregação racial nas zonas urbanas. Esses pontos impulsionaram a construção do que seria o ponto de vista feminino negro e a questão da maternidade.

Na terceira parte do livro, a autora consolida o campo do conhecimento do pensamento feminista negro e

avança nos estudos sobre políticas de “empoderamento” e sobre o ativismo das mulheres negras.

A construção de uma epistemologia que valorize o ponto de vista da mulher negra é fundamental. A experiência das mulheres negras norte-americanas no que se refere ao tipo de trabalho a que estão sujeitas, ao tipo de comunidade em que vivem e ao tipo de relacionamento que mantêm com o outro torna a vivência dessas mulheres diferente daquelas negras. Por isso, dirá a autora, “os temas principais que norteiam o livro - trabalho, família, política sexual, universo da mulher e ativismo político - se inter-relacionam e são moldados por um sistema de opressão que ela denomina *matrix* da dominação” (p. 251). Ou seja, a dominação exercida por homens brancos e que têm o controle não só social, mas também econômico, da informação e do conhecimento.

A validação do Pensamento Feminista Negro passa pelo crivo de três distintos grupos: da mulher negra comum, já que o conhecimento é fortemente baseado na sua vivência e experiência; das intelectuais negras e do grupo dominante, o que controla escolas, programas acadêmicos, publicação e outros mecanismos de legitimação do conhecimento.

A fim de validar o conhecimento proposto, Collins aposta nas mulheres negras como agentes do conhecimento, uma vez que elas seriam as pessoas autorizadas a discutir um conhecimento teórico baseado em suas próprias experiências. Para isso, é preciso resistir à teoria hegemônica e encontrar espaços e caminhos para o Pensamento Feminista Negro.

O livro traz um debate essencial, necessário e atualizado. Para construir o Pensamento Feminista Negro, os temas utilizados pela autora abarcam a vida cotidiana dessas mulheres a partir dos recortes de gênero, de classes sociais, de etnia e da sexualidade. Collins defende que é necessário re-significar a prática cotidiana, incorporar novos conhecimentos para que as experiências das mulheres negras se transformem em elementos de resistência e de “empoderamento”.

A proposta da autora é tirar o pensamento feminista negro do obscurantismo, torná-la respeitada no meio acadêmico e pelos grupos dominantes, argumentando sobre a importância de que o conhecimento deve abarcar diversos pontos de vista. No entanto, Collins falha por reforçar o mundo dividido entre o feminismo das mulheres negras e o grupo hegemônico, ratifica a ideologia da dualidade e reforça a diferença étnica e de gênero a ponto de, em certos momentos, cair nas “ciladas da diferença”.

## Fontes de consulta

Pierucci AF. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Editora 34; 2000.

Harding S. *Feminist Standpoint Epistemology*. In: Lederman M, Bartsch I. *The Gender and Science Reader*. Nova York: Routledge; 2001. 